

TRAVESTIS E TRANSEXUAIS: CORPOS SAGRADOS, CORPOS MARGINALIZADOS

Jessika Villalon Sousa Cruz

Mestra em Gestão de Políticas Públicas da Universidade Federal do Tocantins - UFT, jessikaavillalon@gmail.com.

Resumo

Este trabalho apresenta uma discussão a respeito da corporalidade das travestis e transexuais, buscando compreender o percurso da transformação histórica de gênero perante diversas culturas, bem como evidenciar como em algumas crenças as pessoas transgênero são consideradas divinas. O método de pesquisa utilizado foi a revisão bibliográfica, e entrevistas com travestis e transexuais da cidade de Palmas - TO. O trabalho foi realizado de maio a dezembro de 2019, com depoimentos sobre a vida e enfrentamentos das participantes. A pesquisa visa ressaltar os estudos de cultura, gênero e sexualidade, descrevendo as experiências pessoais das participantes e sua relação com seus corpos trans, apresentando suas vivências e dificuldades diárias, relacionando com seus processos de identificação, contrastes de não identificação com o gênero oposto e o divino.

Palavras-chave: Travestis e Transexuais. Corpo. Sagrado. Marginalização.

Introdução

O Brasil foi apontado em uma reportagem, como o país que mais consome pornografia trans no mundo, mas se mantém há mais de dez anos no topo do ranking mundial de assassinatos contra as pessoas transgênero. É uma ambiguidade serem desejadas e em alguns casos até mesmo “adorada” por homens cisgênero, mas sofrerem tantos preconceitos diariamente.

Em sua maioria, as travestis e transexuais se veem obrigadas a ter como único meio de trabalho a prostituição. Em toda sua vida, qualquer travesti ou transexual sofrerá alguma forma de preconceito, inclusive nos templos religiosos. São poucas as religiões que permitem a participação de transgêneros em suas atividades.

Este artigo faz uma breve conceituação de gênero, apresentando as dificuldades vividas pelas travestis e transexuais, fazendo uma analogia entre o sexo e o sagrado, sendo a problemática desta pesquisa a dualidade dos corpos transgênero, e como isso afeta diretamente as pessoas transgênero em suas vivências diárias.

Metodologia

A metodologia utilizada para este artigo foi uma revisão bibliográfica em artigos, dissertações, bem como entrevistas com travestis e transexuais da cidade de Palmas – TO. Foi aplicado um questionário semi-estruturado, em que as participantes assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido.

Referencial teórico

A sociedade atual ainda classifica a sexualidade como um grande tabu. Mas o que muitos não percebem é que quanto mais as pessoas não têm um conhecimento sobre o tema, acabam por fazer muitas pessoas sofrerem, através dos preconceitos. É preciso que se fale acerca desse tema, pois a sexualidade apresenta várias manifestações, e para que possamos falar sobre ela, é preciso conhecer as diferenças entre gênero, identidade de gênero e orientação sexual.

Para a biologia, o sexo é dividido em: macho e fêmea. Existem pessoas que são chamadas de intersexo, pois apresentam os dois

órgãos genitais (pênis e vagina), mas é muito raro. O sexo biológico é definido pelos hormônios, órgãos reprodutores internos e externos, e também os cromossomos. (SIMÕES E FACCHINI, 2009).

O gênero é definido como feminino e masculino, como categorias construídas pela sociedade. Os gêneros abrangem as práticas que são atribuídas aos seres humanos, em virtude do aparelho reprodutivo que possuem. O sexismo é a prática que é exercida em todas as sociedades, sendo a que define os comportamentos, as vestimentas, profissões, de acordo com o gênero atribuído à pessoa assim que ela nasce.

Já a identidade de gênero é o gênero ao qual a pessoa se identifica. Um exemplo é quando um indivíduo que teve o sexo masculino atribuído no seu nascimento, mas se identifica com o gênero oposto, o feminino. Existem casos que indivíduos se identificam com os dois gêneros, ou com nenhum dos dois. As pessoas transgêneros são aquelas em que sua identidade de gênero difere de seu sexo biológico. Existem transgêneros MTF (*male to female*, em tradução livre: Masculino para Feminino) e FTM (*female to male*, em tradução livre: Feminino para Masculino). Quando o indivíduo se identifica com seu gênero biológico o chamamos de cisgênero.

Por fim, a orientação sexual está relacionada à atração afetivo-sexual. A orientação sexual se divide em heterossexual, homossexual, bissexual, e tem outras variáveis, e não é necessariamente fixa. Quando falamos em heteronormatividade, estamos relacionando ao contexto que a sociedade espera que todas as pessoas sejam heterossexuais, e discriminam qualquer outra forma de orientação sexual, as reprimindo também, tomando como base suas normas culturais. (LOURO, 2013). Jaqueline Jesus (2012), pesquisadora brasileira em gênero e sexualidade, em seu guia denominado “ORIENTAÇÕES SOBRE IDENTIDADE DE GÊNERO: CONCEITOS E TERMOS”, traz um glossário de termos inclusivos:

Gênero: Classificação pessoal e social das pessoas como homens ou mulheres. Orienta papéis e expressões de gênero. Independe do sexo. **Identidade de gênero:** Gênero com o qual uma pessoa se identifica, que pode ou não concordar com o gênero que lhe foi atribuído quando de seu nascimento. Diferente da sexualidade da pessoa. Identidade de gênero e orientação sexual são dimensões diferentes e que não se

confundem. Pessoas transexuais podem ser heterossexuais, lésbicas, gays ou bissexuais, tanto quanto as pessoas cisgênero. **Cisgênero:** Conceito “guardachuva” que abrange as pessoas que se identificam com o gênero que lhes foi determinado quando de seu nascimento. **Transgênero:** Conceito “guardachuva” que abrange o grupo diversificado de pessoas que não se identificam, em graus diferentes, com comportamentos e/ou papéis esperados do gênero que lhes foi determinado quando de seu nascimento. **Transexual:** Termo genérico que caracteriza a pessoa que não se identifica com o gênero que lhe foi atribuído quando de seu nascimento. Evite utilizar o termo isoladamente, pois soa ofensivo para pessoas transexuais, pelo fato de essa ser uma de suas características, entre outras, e não a única. Sempre se refira à pessoa como mulher transexual ou como homem transexual, de acordo com o gênero com o qual ela se identifica. **Transfobia** Preconceito e/ou discriminação em função da identidade de gênero de pessoas transexuais ou travestis.

Travestilidade e Transexualidade: Exclusões e Desigualdades

As pessoas transgênero, que neste estudo trataremos particularmente das travestis e transexuais, são pessoas que têm um corpo com um sistema reprodutor diferente do seu psicológico, e que são minoria perante a sociedade, haja visto que não são aceitas em quase nenhum meio social.

A transexualidade é uma identidade de gênero, e não pode ser ligada à uma doença mental, ou contagiosa, muito menos como uma perversão. Muitas pessoas acreditam também que por uma pessoa ser uma mulher transexual necessariamente “gosta de homens”. Não podemos esquecer que identidade de gênero e sexualidade são coisas completamente diferentes. É necessário realizar um esclarecimento quanto à gênero e orientação sexual. Não se pode compreender os dois termos como ligados um ao outro. De acordo com Jesus (2012):

Gênero se refere a formas de se identificar e ser identificada como homem ou como mulher. Orientação sexual se refere à atração afetivossexual por alguém de algum/ns gênero/s. Uma dimensão não depende

da outra, não há uma norma de orientação sexual em função do gênero das pessoas, assim, nem todo homem e mulher é “naturalmente” heterossexual. O mesmo se pode dizer da identidade de gênero: não corresponde à realidade pensar que toda pessoa é naturalmente cisgênero. Tal qual as demais pessoas, uma pessoa trans pode ser bissexual, heterossexual ou homossexual, dependendo do gênero que adota e do gênero com relação ao qual se atrai afetivossexualmente: mulheres transexuais que se atraem por homens são heterossexuais, tal como seus parceiros; homens transexuais que se atraem por mulheres também o são.

A sociedade atual é muito machista e bastante heteronormativa, tratando as pessoas transgênero como doentes. Toda e qualquer pessoas que têm experiências fora da heterossexualidade são taxadas como erradas. Existem governantes que pertencem à uma bancada política que lutam diretamente contra os direitos das pessoas LGBT, tentando impedir qualquer esforço na criação de políticas públicas que melhore as condições de vida para essa parcela da sociedade.

Lendo Foucault (2010) percebemos que essa exclusão remete aos tempos antigos, quando as mulheres eram tratadas como escravas, excluídas das esferas da sociedade e da política. As pessoas transgêneros igualmente vêm sendo privadas de seus direitos quando as relacionamos a suas construções de identidade dentro de suas sexualidades.

Para Silva (2006) em todo a história da humanidade sempre existem minorias opressoras. As mulheres, por sua vez sempre foram educadas para os serviços do lar e educar os filhos, e sempre se esperou que a mulher deixasse sua casa para se casar e constituir uma família. As minorias sexuais sempre estiveram em guetos e silenciadas. (SILVA, 2007). Os grupos que não se encaixavam na cultura heteronormativa sempre foram desprezados pela igreja e pela justiça. Somente nos últimos cinquenta anos que houveram mudanças significativas para as minorias como os gays e lésbicas (SILVA, 2006). Sobre a população de travestis e transexuais, Jesus (2012) nos diz que:

Uma parte das pessoas transexuais reconhece essa condição desde pequenas, outras tardiamente, pelas mais diferentes razões, em especial as sociais, como a repressão. A verdade é que ninguém sabe, atualmente,

por que alguém é transexual, apesar das várias teorias. Uma dizem que a causa é biológica, outras que é social, outras que mistura questões biológicas e sociais. Mulher transexual é toda pessoa que reivindica o reconhecimento social e legal como mulher.

As travestis e transexuais ainda são executadas, são obrigadas à passar por diversas humilhações durante a vida, não existem leis específicas que as protegem, principalmente tendo que passar por muitos constrangimentos e assédios por onde passam. Um dado alarmante é que o Brasil é o país que mais mata travestis e transexuais em todo o planeta (CUNHA, 2016). O machismo, por sua vez, continua crescendo e sendo perpetuado no Brasil, sendo um exemplo recente o discurso de muitos políticos em suas campanhas, pregando o ódio às pessoas LGBT e às minorias. O Estado tem o dever de acabar com as desigualdades sociais. Sem a participação direta dele, não é possível que tais direitos sejam estabelecidos. De acordo com Rui Barbosa:

[...] a regra da igualdade não consiste senão em aquinhoar desigualmente os desiguais, na medida em que se desiguam. Nesta desigualdade social, proporcionada à desigualdade natural, é que se acha a verdadeira lei da igualdade. O mais são desvarios da inveja, do orgulho, da loucura. Tratar com desigualdade a iguais, ou a desiguais com igualdade, seria desigualdade flagrante, e não igualdade real. (BARBOSA, 1999, p. 26)

Assim, Santos (2009) nos diz que as desigualdades sociais e os valores devem prezar a igualdade perante as diferenças:

Uma política emancipatória dos Direitos Humanos deve saber distinguir entre a luta pela igualdade e a luta pelo reconhecimento igualitário das diferenças, a fim de poder travar ambas as lutas eficazmente [...] Temos o direito a ser iguais quando a diferença nos inferioriza; temos o direito a ser diferentes quando a igualdade nos descaracteriza. (SANTOS, 2009, p. 15, 18)

Os transgêneros não estão na mesma posição social dos homens e mulheres cisgênero, não tendo a mesma força, e muito menos as mesmas oportunidades. Para a maioria das pessoas, de qualquer classe social, toda e qualquer travesti é uma profissional do sexo, e está

sempre marginalizada. Não há espaços para as pessoas transgênero nos mercados de trabalho formal, e quando muitas tentam procurar empregos, sempre têm a vaga negada, por mais que apresente uma boa qualificação profissional.

Muitas travestis sofrem por terem uma aparência física que não é totalmente feminizada, bem como os preconceitos impostos por religiões, principalmente as de matrizes cristãs. Essa relação de dominação exercida pelas igrejas ajuda na discriminação, pois é "(...) impossível isolar a responsabilidade de cada um dos sistemas de dominação (...) pelas discriminações diariamente praticadas". (SAFFIOTI, 1987, p. 62).

Dessa forma, todos esses elementos apresentados formam a construção social dos esquemas de gênero, e a partir destes são produzidas múltiplas identidades (BUTTLER, 2002). As pessoas transgênero lutam em todo o mundo contra rótulos de comportamentos anormais ou fora do padrão imposto pela sociedade, que é o padrão heteronormativo. Não podemos aceitar que a normalidade seja baseada em um único padrão social, em virtude da diversidade sexual existente em todos os lugares. (GUASCH, 2000; SILVA; BARBOZA, 2005).

O sexo como caminho para o Sagrado

Os seres humanos têm a busca incessante por compreender o sexo, somos feitos através de sexo. Em toda a história e na arte, existem representações que revelam como os seres humanos têm uma verdadeira obsessão pelo sexo. As religiões sempre polemizaram o sexo, bem como o "sexo dos anjos" e das divindades, sendo fruto de investigações de teólogos, sobre as essências, masculina e feminina. É interessante notar a visão cristã em que existe o dogma da Trindade em que o Pai gera o Filho, e desse amor surge uma terceira pessoa que é o Espírito Santo. O lado feminino da divindade Cristã é a presença de Maria como a mãe Santíssima. (VALLADOLID, 2002)

Em outras culturas ditas pagãs, também podemos notar a presença sexual nos deuses, e deuses próprios do sexo e erotismo como Afrodite, em que suas sacerdotisas realizavam seus rituais de adoração fazendo sexo com os adoradores desta deusa, que na cultura romana é conhecida como Vênus.

A Kundalini é uma crença milenar indiana de energia da criação, instalada no corpo de cada ser humano, conhecida como a energia sustentadora da vida. Sobre a Kundalini:

O despertar de Kundalini afeta todo o domínio da mente humana e do comportamento humano. Kundalini não é um mito ou uma ilusão. Não se trata de hipótese ou sugestão hipnótica. Kundalini é uma substância biológica que existem dentro da estrutura do corpo. O seu despertar gera impulsos elétricos por todo o corpo e estes impulsos podem ser detectados por instrumentos científicos modernos e máquinas. Kundalini é o nome de uma força em potencial adormecida no organismo humano e que está situada na raiz da coluna espinhal. No corpo masculino ela está no períneo, entre o órgão urinário e excretor. No corpo feminino ela está localizada na raiz do útero, no colo do útero. (SARASWATI, 2010)

Em todas as eras o contato dos humanos com o divino foi segmentado. O sexo era e ainda é uma porta de entrada para se conectar com o sagrado, e existem técnicas para fazer do sexo um exercício sagrado, como o sexo tântrico, por exemplo. O sexo, por ser essa porta de entrada, foi fechada para que os humanos não tivessem esse contato direto com o sagrado. Antes do cristianismo, o sexo era visto como acesso ao sagrado, mas depois se tornou um pecado se realizado fora do âmbito matrimonial.

Na atualidade existem as *hijras*, que são pessoas, em sua maioria nascidas no sexo masculino, mas que se reconhecem como mulheres, e que abdicam de uma vida sexual, em troca de poderes de divindades hindu. As hijras têm os poderes tanto de abençoar, quanto de amaldiçoar, e frequentemente são convidadas para se apresentarem em festas de casamento. Elas são um grande exemplo da linha tênue entre o sagrado e a marginalização, pois é muito comum vê-las se prostituindo na Índia, por serem consideradas uma sub-casta. (DA SILVA CORREA, 2020)

O sexo ainda é um tabu social, e muitas pessoas evitam falar sobre sexo, quase sempre pensando em seu lado pejorativo. Entretanto, quando se usa essa palavra já associamos a algo sujo, ou impronunciável, não representando o que o sexo realmente é originalmente em todas as culturas humanas.

Sendo o sexo um caminho possível para o divino, ele está extremamente ligado à espiritualidade, sendo o caminho mais simples, porém, o sexo é algo sagrado. O sexo sem compromisso não pode ser chamado de promiscuidade, quando levamos em conta que o sexo é

sagrado. Ele conecta duas pessoas, as torna únicas mesmo que seja por pequenas frações de tempo. As culturas e religiões deístas ou ateístas apresentam o sexo em sua sacralidade, dentro de relações de amores verdadeiros, em comunhão com o deus que adoram.

A sexualidade sempre foi algo muito estigmatizado na história humana. O teórico Foucault considerou que a história da sexualidade dentro dos mecanismos de repressão sofreu duas quebras:

Uma ocorreu no decorrer do século XVIII: nascimento das grandes proibições, valorização exclusiva da sexualidade adulta e matrimonial, imperativos de decência, esquivas obrigatórias do corpo, contenção e pudores imperativos da linguagem. A outra ocorreu no século XX, momento em que os mecanismos da repressão teriam começado se afrouxar; passar-se-ia das interdições sexuais imperiosas a uma relativa tolerância a propósito das relações pré-nupciais ou extramatrimoniais; a desqualificação dos perversos teria sido atenuada e sua condenação pela lei, eliminada em parte; ter-se-iam eliminado, em grande parte, os tabus que pesavam sobre a sexualidade das crianças (FOUCAULT, 1988, p. 109).

Assim, Foucault demonstra que a sexualidade não é encarada como algo natural, e é moldada segundo os costumes das sociedades e também das culturas. Principalmente a cultura de um povo é o que vai definir se uma prática sexual é adequada ou não, dentro de cada contexto, como um padrão de referência. Um exemplo é a bissexualidade para os gregos, que definiam o ponto estético (beleza) para o desejo sexual, independentemente se a pessoa era do sexo masculino ou feminino. É impossível padronizar a sexualidade dos indivíduos por mais que a sociedade crie um padrão. Segundo o Ministério da Saúde (2006):

A sexualidade constitui-se numa dimensão fundamental em todo ciclo de vida de homens e mulheres, a qual envolve práticas e desejos ligados à satisfação, à afetividade, ao prazer, aos sentimentos, ao exercício da liberdade e à saúde. Desta forma, é uma construção histórica, cultural e social, e se transforma conforme mudam as relações sociais. Mas, infelizmente, em nossa sociedade ocidental, foi histórica e culturalmente limitada em suas possibilidades de

vivência, devido a tabus, mitos, preconceitos, interdições e relações de poder.

Partindo desta afirmação existe a necessidade de se desmitificar tabus, e conhecer a sexualidade de maneira mais natural. Não obstante, o sexo é um dos assuntos mais discutidos no mundo, bem como o empoderamento feminino. Com tantas transformações culturais Cano e Ferriani (2000) relatam que:

Em seu novo papel de mulher, independente, tem competido em muitos terrenos com o homem e tem ocupado cada vez mais seu lugar, quer seja nas artes, na literatura, na indústria ou nos esportes. Essas transformações culturais e morais acarretaram inúmeros problemas sociais novos ou agravaram outros já existentes como: prostituição, aborto, homossexualidade, desajustes conjugais, divórcio e outros. Com isso, a “célula” da sociedade que é a família sofreu sérios abalos, o que fez com que pesquisadores e cientistas estudassem o problema da sexualidade de forma profunda, reformulando conceitos e respondendo aos problemas de relacionamento sexual através de inúmeros textos científicos.

Em virtude de o sexo ser algo muito estigmatizado, é necessário que as pessoas compreendam que o sexo está perfeitamente ligado às funções vitais do corpo, e deve ser encarado de forma mais natural. O ato sexual precisa ser mais explorado pois o mundo passa por transformações constantes, e existem muitas disfunções e problemas de relacionamento sexual, por causa dos tabus instaurados no meio social.

Resultados e discussão

Nas entrevistas com as participantes, elas relataram suas vivências diárias, em que alguns trechos serão transcritos a seguir:

Entrevistada 1 - Não é questão da gente ser vítimas mas a sociedade já impõe que toda trans é obrigada a fazer programa. Por não ter políticas públicas voltadas para elas, elas pendem a isso mesmo, a fazer programa entendeu? [sic] A gente sofre muito bullying na escola, tem preconceito na questão de trabalho entre um hetero e uma trans se tiver uma vaga só eles

vão dar para um hétero, porque acha que a trans não tem estudo, coisa logicamente que a maioria delas não tem culpa né.

Entrevistada 2 - Isso é muito relativo, algumas pessoas te chamam pelo seu nome social, te trata normalmente, as outras dizem que isso é uma fase, outras pregam a religião, que não tá escrito na Bíblia, e que isso é errado, mas uma parte bem pequena mesmo, te aceita e te respeita como você se vê. A gente mata um leão a cada dia, a gente vai levando.

Entrevistada 3 - As pessoas não estão preparadas... para elas sempre é aquela coisa: é homem ou é mulher. Você é julgada pela sexualidade ou pelos estigmas que leva por ser travesti.

Considerações finais

Este trabalho procurou compreender a relação entre o corpo trans, corpo este diferente dos demais, por passar por diversas transformações, desejado sexualmente por muitos homens. São corpos que chamam muita atenção, por se aproximarem da perfeição. Essa aproximação do perfeito, as aproxima do sagrado e do divino.

A sociedade não consegue passar da linha da estabilidade, e rejeita o que é diferente, estereotipando, e muitas vezes condenando as pessoas transgênero, utilizando-se muitas vezes da religião como uma forma de opressão. Assim, as travestis e transexuais constroem em seus próprios corpos, seus santuários e o seu “próprio sagrado”.

A transformação de gênero, que muitas vezes inicia na adolescência, torna o corpo transgênero um lugar simbólico, com marcas de luta e resistência, alterações físicas e psicológicas. O corpo trans faz com que a pessoa transgênero tenha os ônus e os bônus dessa transformação, isto é, a adoração e o desejo, em contraste com o preconceito e a violência.

Faltam ainda muitas políticas públicas para a pessoas trans, nas áreas da educação, saúde e segurança pública. Mas a transformação do corpo trans incorre em muitos significados positivos, aumentando a autoestima e a felicidade das pessoas transgênero, em contraste com todas as dificuldades.

Ser uma mulher transexual é transitar entre o sagrado e a marginalização diariamente. Ser praticamente adorada, elogiada todos os dias, atrair olhares de desejo por onde passa. Mas também existe a

marginalização, em que as pessoas em sua maioria têm medo de travestis e transexuais, ser consideradas barraqueiras, ou entrar em uma loja e ser maltrada por causa da aparência não ser passável. Mas ser transgênero, é ser humana e transitar em um outro plano, uma dualidade sagrada, em um mundo machista, misógeno e transfóbico.

Referências

BARBOSA, Rui. **Oração aos moços**. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 1999. Disponível em: <http://http://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?action=download&id=38508>. Acesso em: 20 de setembro de 2019

BUTLER, Judith. **Cuerpos que importan – sobre los limites materiales y discursivos Del “sexo”**. Buenos Aires: Anagrama, 2002.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CANO, M.A.T.; FERRIANI, M.das G.C. **Sexualidade na adolescência: um estudo bibliográfico**. Rev.latinoam.enfermagem, Ribeirão Preto, v. 8, n. 2, p. 18-24, abril 2000.

CUNHA, Thais. **Brasil lidera ranking mundial de assassinatos de transexuais**. Correio Brasiliense, 2017. Disponível em <http://especiais.correiobraziliense.com.br/brasil-lidera-ranking-mundial-de-assassinatos-de-assassinatos-de-transexuais>> Acesso em: 09 de junho de 2019

DA SILVA CORRÊA, Otávio Amaral. A Transexualidade como Terceiro Sexo e a Divindade às hijras: religião, violência e Estado. **Revista Brasileira de Estudos da Homocultura**, v. 3, n. 10, p. 276-294, 2020.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade v.1 Vontade de Saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal Ltda, 2010.

FOUCAULT, M.(1988) **História da Sexualidade**. A vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal.

GUASCH, Oscar. **La crisis de la heterosexualidad**. Barcelona: Laertes, 2000.

JESUS, Jaqueline G. **Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos**. Brasília: [s. n.], 2012. Disponível em: <http://www.sertao.ufg.br/up/16/o/ORIENTA%C3%87%C3%95ES_POPULA%C3%87%C3%83O_TRANS.pdf?1334065989> Acesso em 18 de junho de 2019.

LOURO, Guacira L. (org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000

LOURO, Guacira Lopes. **Pedagogias da sexualidade**. In: LOURO, Guacira Lopes (org.) O corpo educado – pedagogias da sexualidade, Belo Horizonte: Editora Autêntica, 3a edição, 2013, p. 7-34.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **O Poder do Macho**, São Paulo: Moderna, 1987.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Direitos Humanos: o desafio da interculturalidade**. Revista Direitos Humanos, Brasília, v. 2, p. 10-18, jun., versão On-line, ISSN 1984-9613. 2009. Disponível em: . Acesso em: 19 de outubro de 2019.

SARASWATI, Swami Satyananda. **Kundalini Tantra**. Índia. Tradução de Uma Yagini, Rio de Janeiro, Maio de 2010.

SILVA, Alessandro Soares da. **Alguns elementos para a construção de uma consciência política coletiva**. In: _____. Marchando pelo Arco-Íris da Política: A Parada do Orgulho LGBT na Construção da Consciência Coletiva dos Movimentos LGBT no Brasil, Espanha e Portugal. São Paulo, 2006

SILVA, Alessandro Soares da. **As cores memoriais (e distorcidas) da (in) diferença: com que cores se colorem o passado no tempo presente da homofobia?!** Bagoas – Estudos gays, gênero e sexualidades 1(1) jul. /dez. 2007, pp. 167-92.

SILVA, Alessandro Soares da. BARBOZA, Renato. **Diversidade sexual, Gênero e Exclusão. Social na produção da Consciência Política de Travestis**. Athenea Digital, 8, 2005, pp. 27-49. Disponível em: <http://>

redalyc.uaemex.mx/redalyc/src/inicio/ArtPdfRed.jsp?iCve=53700802.
Acesso em 30 de setembro de 2019.

SIMÕES, Assis Júlio e FACCHINI, Regina. **Na trilha do arco-íris- movimento homossexual ao LGBT**. Ed. Fundação Perseu Abramo, 2009.